



---

## **EPISTOLOGRAFIA PAULINA: ORIGEM E ESTRUTURA**

*Pauline Epistolography: Origin and Structure*

Boris Agustín Nef Ulloa \*

Jean Richard Lopes \*\*

**RESUMO:** As cartas são um dos instrumentos literários de comunicação muito utilizados pelo cristianismo primitivo, como meio de transmissão de conteúdo e orientação para comunidades e indivíduos. Esse instrumento é dotado de convenções estruturais e expressivas muito bem desenvolvidas no mundo antigo greco-judaico. Paulo de Tarso, situado nesse ambiente, apropria-se dessas convenções, adaptando-as às necessidades de cunho teológico e pastoral de suas comunidades. Esse artigo ocupa-se de apresentar os elementos estruturais da epistolografia clássica e suas aplicações nas cartas paulinas. Para, então, descrever e destacar os aspectos específicos da epistolografia paulina, por meio dos quais pode-se compreender melhor a evolução do pensamento e da teologia do Apóstolo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo. Epistolografia. Cartas gregas. Cartas judaicas. Cartas paulinas.

**ABSTRACT:** The letters are one of the literary communication tools widely used by early Christians to delivery content and guidance for communities and individuals. This instrument is equipped with structural and expressive conventions very well developed in the Greco-Jewish ancient world. Paul of Tarsus, situated in that environment, appropriates those conventions, adapting them to the theological and pastoral nature needs of his communities. This article is concerned to present the structural elements of classical epistolography and its applications in the Pauline letters. To then describe and highlighting the specific aspects of Pauline epistolography, through which one can better understand the evolution of thought and theology of the Apostle.

**KEY WORDS:** Paul. Epistolography. Greek letters. Judaic Letters. Pauline Letters.

---

\* Professor de Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\*\* Professor de Exegese Bíblica e Teologia Fundamental na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Artigo submetido a avaliação em 21.06.2016 e aprovado para publicação em 15.10.2016.

## Introdução

A epístola é uma forma de comunicação, comum na antiguidade, que o cristianismo primitivo assimilou muito cedo (cf. AUNE, 1987, p. 159), como atestam as próprias cartas paulinas, as católicas, aquelas dos Atos dos Apóstolos e do Apocalipse. Inicia-se, este artigo, com uma breve apresentação sobre a epistolografia, no mundo antigo, apontando pontos relevantes, tais como forma e função, bem como de algumas particularidades, elementos sem os quais torna-se difícil compreender a estrutura literária das cartas paulinas como base para uma proposta de reflexão teológica e prática (cf. WHITE, 1972, p. 72). Esse artigo se concentrará nas *cartas paulinas*, como um corpo literário, independentemente da autoria de cada uma delas.

### 1 A epístola na antiguidade grego-romana

Em relação à carta deve-se, antes de tudo, sublinhar que, na antiguidade, não se encontra uma teoria epistolográfica amplamente discutida e desenvolvida. Poucos são os autores que se empenharam em escrever algumas páginas, sintéticas, sobre a epistolografia. Mas, de qualquer modo, a sua importância é evidenciada pela prática. De fato, são inúmeras as cartas antigas, gregas e romanas, conservadas até hoje.

A carta serve, sobretudo, para transmitir uma mensagem, expressar sentimentos, ideias e teorias, preocupações, comunicar acontecimentos e ordens (cf. VIELHAUER, 2003, p. 81; KLAUCK, 1998, p. 55-65; ECKSTEIN, 2004, p. 26-39). Desse modo, se presta como uma ponte que conserva atual e vivo os contatos entre duas pessoas (emitente e destinatário) ou grupos que se encontram distantes (cf. WHITE, 1982, p. 91). São três as motivações que podem ser identificadas para a produção das epístolas grego-romanas: 1. *Philophronesis* (*philophrónesis*), expressa relação entre amigos; 2. *Parusia* (*parousía*), substitui o autor que fisicamente se encontra separado do destinatário; 3. *Homilia* (*homilía*), estabelece um diálogo entre o autor e os destinatários, com o propósito de conservar a relação e comunhão (cf. KOSKENNIEMI, 1956, p. 34-47).

Nos autores antigos nota-se uma insistência sobre o aspecto dialógico da carta. Alguns indícios, que sublinham e valorizam esse aspecto, se encontram nas epístolas de Cícero. A carta, para ele, preenche o espaço vazio, devido à ausência do emitente, substituindo-o, perante o destinatário. Ela apresenta-se, portanto, quase como uma conversa direta entre amigos ou conhecidos, uma conversa escrita (cf. CÍCERO, *Fam.*, II,4,1; XII,30,1; *Att.*, VIII, 14,1; IX, 10,1; SENECA, *Ep.* 75,1).

Demétrio, na sua obra a respeito da teoria literária do *estilo*, inclui um *excursus* sobre a epístola, no qual trata de alguns elementos que devem ser observados ao escrever uma carta (cf. DEMETRIUS, *De Eloc.*, p. 223-235). Reconhecendo, assim, a importância da epistolografia (cf. KENNEDY, 1984, p. 89-90; KOSKENNIEMI, 1956, p. 23.27), ele parte de uma afirmação atribuída a Artemon, editor das cartas de Aristóteles, a qual diz que «a epístola deveria ser escrita como um diálogo», pois ela «é como a outra parte do diálogo» (DEMETRIUS, *De Eloc.*, p. 223). Todavia, essa definição colhe apenas uma parte da verdade sobre a carta, já que ela é escrita e não corresponde exatamente com o diálogo, exigindo, portanto, atenções específicas (cf. *ibid.*, p. 224). A exposição de Demétrio é dedicada à carta pessoal, familiar, que deve expressar amizade (cf. *ibid.*, p. 231-232). A carta pessoal é diferenciada de outros tipos, como cartas escritas a cidades e a reis, definidas oficiais, mais elaboradas, embora também elas não devam assumir a forma de um tratado, como as de Aristóteles e Platão (cf. *ibid.*, p. 233-234). Tal diferenciação serve para confirmar a existência de vários tipos de cartas, na antiguidade (cf. LONG, 2004, p. 100). Fator incisivo também na compreensão das cartas paulinas. Estas últimas nem sempre são facilmente classificadas, devido à complexidade que elas reproduzem (cf. *ibid.*, p. 100).

## 2 A diversidade das cartas antigas

Os documentos epistolares antigos, basicamente, poderiam ser distintos em duas linhas: 1. Privadas, familiares; 2. Públicas, oficiais e comerciais (cf. SCHNELLE, 1994, p. 52; DOTY, 1969, p. 196). Cícero, por exemplo, fala de carta pública e privada, íntima e jocosa, austera e séria (cf. CÍCERO, *Pro Flaco*, XVI.37; *Fam.*, II.4.1). Os gregos, Ps. Demétrio e Ps. Libânio, oferecem dois amplos elencos de tipos de cartas: o primeiro distingue vinte e um, o segundo, quarenta e um (cf. WEICHERT, 1910).

Vários estudiosos atuais, também buscaram determinar algumas categorias que pudessem oferecer uma classificação sempre mais específica, capaz de colher as várias formas e tonalidades da carta. Doty propõe uma classificação que leva em conta a função da carta situada no mundo greco-romano antigo: 1. Cartas de amizade; 2. Cartas familiares; 3. Cartas de elogio e de reprovação; 4. Cartas de exortação e conselho; 5. Cartas de recomendação; 6. Cartas de acusação, apologia e narração (cf. SYKUTRIS, 1931, p. 195-216). Richards propõe uma classificação, inspirada nas três motivações indicadas por Koskenniemi, distinguindo as cartas em: negócios, oficiais, públicas, irreais, discursivas e um subgrupo denominado ostraca (superfícies planas usadas para escrever cartas breves). (Cf. RICHARDS, 1991, p. 131.202 — appendix A); Klauck parte de dois horizontes diferentes: da prática, corre-

spondência não literária e diplomática; e poesia e filologia, cartas literárias (cf. KLAUCK, 1998, p. 71-147; ECKSTEIN, 2004, p. 23). Stirewalt, a partir de uma seleção de quinze documentos antigos, propõe uma categoria específica, denominada carta-ensaio (*letter-essay*) (cf. STIREWALT, 1977).

Aune, contrário a fronteiras muito rígidas, indica três categorias: 1. Cartas privadas, usadas para conservar os contatos entre parentes e amigos, informar, solicitar informações ou favores; 2. Cartas oficiais, parte da burocracia, governo e representações oficiais; 3. Cartas literárias, uma categoria muito ampla, na qual também são identificados outros artifícios da arte literária — como a inserção da ficção histórica e narrativa, as cartas-ensaio, cartas filosóficas e aquelas escritas com vistas à publicação (cf. AUNE, 1987, p. 162-169).

Como se vê, a partir das propostas apenas mencionadas, nos documentos epistolares antigos, emerge uma grande variedade de situações nas quais e para as quais as cartas eram redigidas. Na sua prática, a carta não ficou restrita ao âmbito da amizade ou da relação familiar, nem mesmo à burocracia e à filosofia. E as cartas menos privadas assumem a forma daquela privada, ao menos como revestimento.

## 2.1 A estrutura da epístola clássica

O conteúdo das cartas greco-romanas era caracterizado por dois elementos: fórmulas estereotipadas e uma retórica epistolar (cf. RICHARDS, 1991, p. 132-136; WHITE, 1993, p. 153-161). Por isso, apesar das circunstâncias de redação das cartas serem muito variadas, a sua estrutura reproduz, geralmente, as mesmas convenções, dividindo-se em três partes: introdução, corpo e conclusão.

A introdução (*praescriptum*), assim como a conclusão (*postscriptum*), eram pontos fixos (cf. EXLER, 1974, p. 23; WHITE, 1982, p. 92), com algumas variações. O *praescriptum* grego consistia no nome do remetente (*superscriptio*), do destinatário (*adscriptio*) e uma saudação (*salutatio*). Normalmente, a fórmula básica usada era: A, para B, *cháirō* (A é o remetente e B o destinatário); ou ainda: para B, de A (normalmente sem a saudação), com o verbo em terceira pessoa (cf. EXLER, 1974, p. 23; AUNE, 1987, p. 163; ECKSTEIN, 2004, p. 40-41). No cristianismo primitivo usava-se também o *praescriptum* oriental, que se diversificava do grego usando uma frase sem predicado na terceira pessoa e outra em segunda: A a B, te saúdo (cf. VIELHAEUR, 2003, p. 80; SEGALA, 1994, p. 249; ECKSTEIN, 2004, p. 42). No NT, o *praescriptum* grego é usado em At 15,23 e Tg 1,1.

A conclusão, além de oferecer espaço para as saudações do remetente ao destinatário, também pode acrescentar palavras de terceiros (parentes e/ou amigos). Frequentemente, se usa o verbo *rónnyimi* (ser forte, adeus)

no imperativo perfeito passivo (*érrōso* e *érrōsthe* [adeus, que estejais bem, que tudo corra bem]). É possível encontrar também *eutychéō* (prosperar, ser feliz) ou *dieutychéō* (ser sempre feliz, ter bom êxito) para se despedir e expressar a saudação final, com desejo de que o destinatário se conserve bem. Algumas cartas podem omitir a fórmula de conclusão (cf. EXLER, 1974, p. 69ss; AUNE, 1987, p. 164). Com *rōnnymi* e, às vezes, com os verbos *hygiainō* (ser são, sadio, gozar de boa saúde) e *aspázomai* (dirigir uma saudação, trocar com alguém a saudação, reconhecer, obsequiar), se encontram fórmulas convencionadas, denominadas *fórmulas de desejo*, as quais expressam, de um lado, a idéia fundamental de preocupação com o bem-estar do correspondente (*formula Valetudinis*). Elas podem ainda apresentar algumas modificações, acrescentando *pántes* (todos), ou invocações de divindades (*Proskynema-Fórmula*), dando a idéia de ser mais real e menos estereotipada (cf. EXLER, 1974, p. 101.106-107.110.112; KOSKENNIEMI, 1956, p. 131-149). Além da preocupação com o bem estar do destinatário, essas fórmulas, sobretudo no *praescriptum*, podem ainda manifestar alegria pela carta previamente recebida, com: *megálēn echárēn* (muito me alegrou); ou desapontamento pela negligência do destinatário, com: *thaumázō pōs [hóti]* (admirar, maravilhar-se por algo [que]) (cf. WHITE, 1986, p. 200-201).

O corpo desenvolve basicamente duas funções: 1. Oferecer ou buscar uma informação; 2. Apresentar algum requerimento ou ordem (cf. WHITE, 1984, p. 1736). Entre o *praescriptum* e a conclusão, encontra-se a parte mais fluida da carta (cf. SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 168; ECKESTEIN, 2004, p. 42). Porém, como mostra White, o corpo não deixa de apresentar também uma série de fórmulas estereotipadas — fórmulas introdutórias, de transição e de conclusão — que servem a delimitar e indicar a passagem da abertura ao corpo, bem como, das partes internas do próprio corpo, que, por sua vez, pode ser dividido em introdução, meio e conclusão (cf. WHITE, 1972, p. 9).

White denomina as três partes da seguinte forma: *body-opening* (abertura do corpo), *body-closing* (conclusão do corpo) e *body-middle* (meio do corpo). As fórmulas introdutórias, que fazem a passagem do *praescriptum* à primeira parte do corpo, executam duas funções: informar e pedir informação. A informação pode ser efetuada de quatro modos: 1. *Disclosure phrases* (frases de informação) que revelam ou notificam algo, individuadas pelo verbo «saber», *gínōske hóti* (saiba que), *gínōske se thélō hóti* (quero que tu saibas); 2. Notícias de uma carta levada como apêndice; 3. Resposta de uma informação recebida; 4. Complacência com a informação recebida. O pedido de informação também segue algumas convenções: 1. Expressões que manifestam incredulidade ou insatisfação, *thaumázō hóti* (eu estou perplexo que), com referência às cartas não respondidas; 2. Indicações de urgência da resposta; 3. Fórmulas informais que falam das circunstâncias (*background*) do pedido; 4. Pedidos ou instruções que introduzem o corpo. Informações também são encontradas na conclusão do corpo (*disclosure phrase: gégrapha oûn hópōs eidéis*

[escrevi, então, de modo que tu saibas]). Outras fórmulas também podem aparecer: 1. Agradecimentos, confiança e o desejo de retribuir um favor; 2. Insistência num comportamento responsável; 3. Indicações da necessidade de uma resposta urgente. Ou ainda: 1. Proibições, com o uso do subjuntivo dos verbos *agōniáō* (não se angustie) ou *dokéō* (não pense que); 2. Expressões de receio sobre o destinatário, com o verbo *agōniáō*; 3. Fórmulas conclusivas de transição, *tà dè loipà* (do resto). Diferentemente das partes iniciais e conclusivas do corpo, o meio não é tão fácil de identificar, mesmo porque algumas cartas são tão breves que é difícil descrevê-las segundo essas categorias. Contudo, existem algumas conexões gramaticais que podem ajudar a entender seja o desenvolvimento do argumento inicial como a passagem para um novo: 1. As conjunções: *oûn* (ora, então), *dió* (por esta razão, por isso, portanto), *hóthen* (de onde, disso, daí, por isso, portanto); 2. A frase *kalós poiéō* (bela obra, bela ação, agir adequadamente) 3. A frase preposicional *perí (hýpèr) dé* (a respeito de); 4. *Dè kaí* (e também) e *homoíōs dè kaí* (igual também, igualmente, do mesmo modo) (cf. WHITE, 1986, p. 203-211; 1972, p. 7-66; ECKESTEIN, 2004, p. 43-44).

### 3 As antigas cartas judaicas

Antes de passar às cartas paulinas, é oportuno olhar as cartas judaicas. O conjunto das cartas que pertence ao ambiente judaico se caracteriza pelo uso do hebraico, aramaico e grego (cf. KLAUCK, 1998, p. 181-226). Infelizmente, elas são em número muito inferior, se comparadas àquelas de matriz helênica. Muitas delas sobreviveram nos textos narrativos do AT. Porém, conservaram geralmente a parte principal, que poderia ser assimilada como um resumo da mensagem (cf. PARDEE, 1978, p. 322; AUNE, 1987, p. 175.176). Além desses exemplos veterotestamentários, os mais significativos são provenientes da província hebraica de Elefantina, no Egito, do séc. V a.C., e outros sítios egípcios do mesmo período, e das cartas de Bar Kochbah, líder da revolta judaica antiromana, do séc. II d.C. (cf. FABRIS; ROMANELLO, 2006, p. 106).

Fitzmyer analisa as cartas aramaicas e propõe a seguinte estrutura, como característica: 1. O *praescriptum*, entre os modos nos quais aparecem, no qual se encontra a fórmula muito presente no NT: A a B, saudação; 2. A saudação inicial, segundo duas possibilidades: *shalom* (paz, bem-estar) ou *berakah* (bênção), ela pode ser omitida; 3. A segunda saudação (presente em algumas cartas), direcionada a terceiros (saudações a C); 4. A parte principal, o corpo; 5. A conclusão, segundo duas fórmulas, sempre com *shalom* (cf. FITZMYER, 1974, p. 201-225; 1981, p. 25-57): a. enviei essa carta para sua paz; b. permaneça em paz. Das cartas em hebraico, presentes na bíblia (cf. 2Sm 11,15; 1Re 21,9-10; 2Re 5,5-6; 10,2-3; 6;19,10-13 [= Is 37,10-13];

Jer 29,4-23.26-28; Ne 6,6-7; 2Cr 1,11-15; 21,12-15) permaneceu, do modelo epistolar original, a fórmula de transição da introdução ao corpo, *wě·attâ* (cf. PARDEE, 1978, p. 322). As cartas estão presentes no livro de Esdras (cf. Esd 4,8-6,18; 7,12-26; Dn 2,4b-7,28) (cf. DION, 1982, p. 59-76; 1982B, p. 77-88).

Algumas cartas, ou fragmentos, se encontram também entre os escritos rabínicos (cf. AUNE, 1987, p. 176; KLAUCK, 1998, p. 197-198). Naquelas inteiras é reproduzido o *praescriptum*: A a B, saudação (*shalom*), como nas cartas de Bar Kochbah (cf. PARDEE, 1978, p. 333). O referido autor estuda também elementos básicos da carta hebraica: 1. Direção, contendo o destinatário (não sempre aparece o nome do remetente); 2. Saudação, pode ser parte da direção ou aparecer sem esse; 3. Corpo, introduzido por uma forma de transição, geralmente com *wě·attâ* (e ora); 4. Conclusão com saudação e/ou identificação (cf. PARDEE, 1978, p. 331-343; AUNE, 1987, p. 176; KLAUCK, 1998, p. 221-226). As cartas presentes nos escritos deuterocanônicos do AT seguem as convenções gregas, mesmo que com algumas alterações, significativas para o estudo das cartas paulinas, como 2Mc 1,1-9, com o *praescriptum* seguido de uma oração, um proêmio introduzido pelo verbo *eucharistéō* (dar graças, 2Mc 1,11 [cf. AUNE, 1987, p. 177; KLAUCK, 1998, p. 204-207]).

A análise pormenorizada sobre algumas cartas oficiais judaicas, realizada por Taatz, evidencia a influência, mesmo que não exclusiva, que elas exerceram sobre aquelas paulinas (cf. TAATZ, 1991, p. 9; ECKSTEIN, 2004, p. 262-263). Antes de tudo, destaca-se que essas cartas servem para manter viva a relação dentro da comunidade judaica, sobretudo entre Israel e os judeus da diáspora, mandar informações, instruções, ordens, conforto. Tocam temas relativos ao culto, à fé (cf. TAATZ, 1991, p. 103-104). Elas transmitem autoridade, da comunidade ou de um indivíduo, perante o povo, como se passa com o profeta Jeremias, o qual tem em Deus a fonte de sua autoridade (cf. *Ibid.*, p. 105.113). Do ponto de vista estilístico e semântico, veem-se a saudação dupla, *éleos kai eirénē* (misericórdia e paz) e o proêmio com *eucharistéō* ou *eulogētós* (dar graças ou bendito).

#### ***4 Estudos recentes sobre a epistolografia greco-romana e as epístolas paulinas***

Em tempos mais recentes, despertou-se nos estudiosos um grande interesse sobre a epistolografia antiga e a relação que os textos paulinos têm com ela. Deissmann foi o pioneiro nesse estudo, analisando e comparando, sobretudo, papiros encontrados no Egito. Seu estudo é conhecido pela distinção entre *carta* (*Brief*) e *epístola* (*Epistel*). Essa distinção é condicionada

pela concepção de literatura como um escrever de uma forma elaborada, artística (*Kunstform*), e destinada à publicação, reprodução do texto para leitores contemporâneos ou futuros (cf. DEISSMANN, 1923, p. 118; 1901, p. 6.31). A *carta*, segundo ele, não responde a esses critérios, pois é endereçada a um destinatário específico e caracterizada pela linguagem espontânea, mais íntima e privada, de estilo popular (cf. *ibid.*, p. 118.194). A *epístola* (*Literaturbrief*), por sua vez, não é caracterizada pelo segredo, mas sim dirigida ao âmbito público e marcada por uma linguagem artística (cf. *ibid.*, p. 118.195.195; 1901, p. 10). Ela é considerada, desse modo, uma atividade literária, com a qual se desenvolve um argumento, segundo a forma de uma carta.

Deissmann, contudo, considera ainda que uma ou várias cartas podem passar por um processo que as aproxime do caráter literário, quando agrupadas e transmitidas a um público que não era o destinatário original. Alguns discípulos, levados por uma grande admiração pelo mestre, poderiam recolher suas cartas numa única coleção e torná-las públicas. Essas cartas se distanciariam do propósito original, privado, mas continuariam sendo sempre cartas (cf. DEISSMANN, 1923, p. 3-5.8-9.16-17.20).

Após ter esclarecido a distinção acima, sua análise transfere-se para a bíblia, para o NT. Segundo ele, não seria legítimo reconhecer algumas partes da Sagrada Escritura como *literatura*, porque nem tudo foi concebido desse modo (cf. *id.*, 1901, p. 36). Nessa linha, surge a questão sobre a definição dos escritos paulinos, cartas (*Briefe*) ou epístolas (*Episteln*)? Impulsionado pelo processo de canonização e a conseqüente apresentação para um público sempre maior, os textos paulinos chegaram até hoje como epístola, literatura. Porém, Paulo não teria a intenção de universalizar seus escritos. Logo, permanecem sempre cartas. Mesmo as seções doutrinárias não poderiam conduzir ao erro de denominá-las epístolas, pois permanece a sua característica pré-literária (cf. DEISSMANN, 1901, p. 42-49; 1923, p. 198.202-205). O caráter literário, em vez, ele o reconhece na Epístola aos Hebreus, na Primeira Epístola de João e nas Epístolas Católicas. E justifica sua afirmação, para a Epístola aos Hebreus, citando 13,22, que diz ser um discurso de exortação, além do fato que o endereço se perdeu. Quanto às Epístolas Católicas, a sua denominação universal lhes assegura o propósito literário (cf. DEISSMANN, 1923, p. 49-54; p. 206-208).

Sem dúvida, os papiros descobertos no Egito favoreceram uma melhor compreensão da vida e cultura da época. O mérito da análise de Deissmann a partir desses papiros, colocados em paralelo com os escritos do cristianismo primitivo, é reconhecido por todos e influenciou a exegese recente. Exler, por exemplo, prefere usar os termos *real* e *irreal*. Embora se distancie de Deissmann, o aspecto da ficção ou da arte literária, ainda é determinante para a distinção entre *real* e *irreal*. A carta *irreal* imita a *real*, como um produto de literatura. Ele admite também a dificuldade de afirmar se



um documento do NT pertence à categoria *real* ou não. É certo que seus autores não são artificiais, mas tinham apenas a intenção de instruir e não de produzir uma literatura elevada (cf. EXLER, 1974, p. 16-17.18.20).

Porém, algumas das conclusões de Deissmann são passíveis de críticas. Primeiramente, há de se considerar que esses documentos, provenientes de uma província egípcia, oferecem uma visão parcial dos escritos epistolares greco-romanos. Outros importantes centros podem oferecer exemplos cuja conformação se qualifica por diferentes técnicas literárias, mais aprimoradas (cf. STOWERS, 1986, p. 18-19). Além do que, a distinção entre carta privada e epístola pública corresponde mais a categorias modernas que a antigas (cf. *ibid.*, p. 19.51.89-91; SYKUTRIS, 1931, p. 187; BERGER, 1987, p. 1338). Muitas correspondências antigas, escritas com a finalidade de serem publicadas, foram compostas com características privadas. Um bom exemplo são as cartas de Sêneca a Lucílio, nas quais ele mostra a finalidade de se dirigir a leitores presentes e futuros, como se lê em: «Secessi non tantum ab hominibus sed a rebus, et in primis a meis rebus: *posterorum negotium ago*» (afastei-me não tanto dos homens como das coisas [compromisso] e, antes de tudo, das minhas coisas [compromissos]: sou a serviço dos pósteros); «Lucili: habeo apud posteros gratiam, possum mecum duratura nomina educere» (Lucílio, terei o favor dos pósteros e posso comigo a fama duradoura conduzir) (cf. SÊNECA, *Ep.*, VIII.2; XXI.5). Por fim, a ênfase colocada na espontaneidade, no aspecto pessoal e não artístico, corresponde muito mais à mentalidade do séc. XIX, do Romantismo popular (cf. PITTA, 1998, p. 414). Num sentido mais abrangente, todas as cartas podem ser consideradas literatura, já que dimensões convencionais estão presentes em qualquer tipo de relação ou comportamento humano (cf. STOWERS, 1986, p. 19; VIELHAUER, 2003, p. 74-76; AUNE, 1987, p. 160). É verdade que algumas cartas se distinguem por uma apresentação literária mais aprimorada. Porém, isso não impede que uma carta privada seja escrita de modo acurado. Se os textos analisados por Deissmann se caracterizam por uma linguagem mais coloquial, nas obras de Cícero se encontram cartas privadas que foram escritas com muitos cuidados, reflexo de sua elevada formação literária, filosófica e retórica (cf. STOWERS, 1986, p. 18-19).

Doty analisa de modo pertinente as abordagens que orientam o estudo de Deissmann, naquilo que é aplicado ao NT e a Paulo, apresentando três pontos problemáticos. O primeiro, dogmático, é uma reação à leitura dos escritos paulinos como um sistema teológico: «Later comparative-religions have paid more careful attention to the supposed naïveté of primitive religious genres, and has often found them more sophisticated than such terms as “natural” usually imply» (cf. DOTY, 1969, p. 189). O segundo, baseia-se na tendência de ver o grego do NT como pobre e decadente. Mas, a beleza dos escritos cristãos se daria, exatamente, pela naturalidade, espontaneidade e não por causa da elaboração artística da língua. Enfim, o terceiro, contra os conceitos dogmáticos de inspiração e canonicidade,

aplicados de modo mecânico. O conceito de cânon teria dado um significado à linguagem e à forma literária, as quais fogem à intenção de Paulo (cf. *ibid.*, p. 185-189).

Alguns estudos contemporâneos contradizem a tendência de identificar a comunidade cristã primitiva, quase idealmente e exclusivamente, com uma massa de pobres e, portanto, sem cultura. Sem dúvida a presença de adeptos não dotados de cultura literária era real e grande, mas alguns indícios permitem também reconhecer que, na comunidade, não faltavam membros dotados de um *status* econômico e social elevado, e, assim também, de cultura literária (cf. MEEKS, 1988, p. 94-96ss; PETERSON, 1998, p. 14).

Há de se considerar que a classificação e a valorização dos primeiros escritos cristãos, além do elemento específico da fé, depende também do modo como se concebe a arte literária. Ovebeck, Deissmann e o *Form Criticism* dividiam a literatura em alta (*Hochliteratur*) e popular (*Kleinliteratur*), dando maior qualidade à primeira e confinando os textos cristãos na segunda categoria, como um produto da comunidade e não de um autor, ligado à tradição oral. Porém, no mundo antigo greco-romano poucos tinham acesso direto à leitura ou escrita. Em meio aos cristãos, a catequese, a homilia, a liturgia eram uma oportunidade, para a maioria, de tomar contato com a *cultura literária cristã*, assim como ocorria também em outros âmbitos, como no teatro e nas disputas. Existe um *continuum* entre a literatura alta e aquela popular. Por isso, Gamble prefere uma definição mais ampla de literatura, abarcando todo texto produzido ou utilizado por uma sociedade ou grupo, sem condicioná-lo, exclusivamente, a elementos estéticos, à língua ou ao estilo definidos como eruditos. A presença do elemento oral na produção literária cristã não a privou de um intenso trabalho escrito, sob influências do mundo judeu, de Qumran e do mundo grego. Mesmo a língua do NT não reproduz unicamente aquela grega vernácula, popular e distante da *alta literatura*, mas apresenta semitismos, influenciada pela Septuaginta, pelo grego da diáspora. Além do mais, parte da terminologia usada nos papiros egípcios aparece também em outros documentos escritos por personagens eruditos, que tratavam de farmacologia, astronomia, matemática. Portanto, mesmo que a literatura cristã primitiva não possa ser equiparada àquela de autores clássicos, como Cícero, ela não pode também ser excluída de uma cultura literária ampla. Há de se encontrar uma colocação intermédia que faça justiça a esses escritos (cf. GAMBLE, 1995, p. 1-41; BOTHA, 1992, p. 195-215).

O apóstolo Paulo, movido pela necessidade pastoral de orientar as comunidades por ele fundadas, por meio de argumentação, com artifícios típicos da literatura e da retórica do seu ambiente (cf. NORDEN, 1958, II, p. 498-510; HOLLAND, 1997, p. 234-248; HOLLOWAY, 2001, p. 329-343), utiliza a epístola como instrumento para atingir diversas metas: 1) Como meio de comunicação apto a “colmar” a sua ausência física; 2) Como meio de informação,

por exemplo, para difundir a coleta em favor dos cristãos de Jerusalém (cf. 2Cor 8-9); 3) Como instrução na qual entrelaçam-se ensinamentos teológico-catequéticos e prático-exortativos com os quais deseja garantir a unidade das comunidades; 4) Como meio para ampliar os horizontes concretos da sua missão, na parte final da Epístola aos Romanos (cf. TAATZ, 1991, p. 8). Esta série de fatores, que motivou o Apóstolo na produção de suas cartas, revela a evidente relação familiar, solícita e espontânea, existente entre Paulo e as comunidades. Alguns exemplos de expressão familiar são constatados em Fl 1,7-8; 1Ts 1,4-6; Fm 1,1, nos quais Paulo manifesta o seu afeto pelos destinatários, chamando-os de irmãos. E, ainda, a metáfora do parto (cf. Gal 4,19), da ama que nutre os filhos (cf. 1Ts 2,7-8 [1Cor 3,1-2]), da imagem do pai (cf. 1Cor 4,14-17; 2Cor 12,14; 1Ts 2,11) (cf. WHITE, 1993, p. 149-150; ECKSTEIN, 2004, p. 199-205). De outro lado, identificam-se também o domínio da estrutura e de formas estereotipadas, como as greco-romanas, aplicadas com originalidade (cf. WHITE, 1983, p. 437; GAMBLE, 1995, p. 37; BARBAGLIO, 2004, p. 43-44).

Os autores antigos não descrevem a carta somente do ponto de vista formal, mas enxergam nela também um documento que permite identificar traços da personalidade do seu autor (cf. DEMETRIUS, *De Eloc.*, p. 227; CICERO, *Fam.*, XVI,16,2; SENECA, *Ep.*, 40,1). As epístolas paulinas são um importante instrumento de acesso à personalidade do apóstolo, permitindo superar a distância secular de Paulo, como figura histórica, capaz de dar serenidade, de provocar agitações com o calor de suas palavras; sua autoconsciência de ser apóstolo (cf. Rm 1,1; 2Cor 1,1) e, ao mesmo tempo, a defesa de seu ministério em 2Cor 4,1ss (Gal 1,1); manifestações de sentimentos, como amor e afeição paterna, sem titubear nas correções (1Cor 4,14-15.21; 2Cor 2,4.14; 6,11-13; 7,1; 12,15; Fil 1,8); pronto a alimentar a esperança dos irmãos (1Ts 2,7-8) e a denunciar corajosamente os adversários, verdadeiro perigo para a vivência autêntica da fé, nas comunidades (cf. 2Cor 11,4.13-15; Fil 3,2) (cf. PITTA, 1992, p. 66; FABRIS; ROMANELLO, 2006, p. 43-48).

Elas também dão acesso à vida das comunidades fundadas pelo Apóstolo. Sua intensa personalidade é marcada por uma profunda relação com Cristo (cf. Rm 1,4; 14,8-9; 1Cor 12,3) e empenho apostólico (cf. 1Cor 9,16-23). Note-se que as comunidades são, ao mesmo tempo, o ambiente concreto no qual Paulo evangeliza e o espaço real no qual emergem as necessidades práticas que provocam a produção das cartas e que estimularam a genialidade pedagógica do Apóstolo. As cartas paulinas, desse modo, acabaram constituindo um corpo doutrinário, incitado pelo contexto concreto de uma comunidade. O apóstolo não escreve de modo aleatório, mas segundo a ocasião que se apresenta a ele (cf. WITHERINGTON, 1998, p. 106; BECKER, 2007, p. 19). Nas cartas, o apóstolo desenvolveu uma teologia em processo, mesmo que não sistemática (cf. BARBAGLIO, 1993, p. 230-232; 1999, p. 7; KÜMMEL, 1976, p. 171-175; GNILKA, 2004, p. 182-183). Barbaglio define o esforço paulino de “hermenêutica do evangelho, apro-

fundamento racional das convicções basilares da fé cristã” (2004, p. 43). Reforçada pela autoridade apostólica, a difusão de suas cartas provém do conteúdo de fé e da prática, encontrando amplo espaço e reconhecimento na comunidade cristã primitiva, como atesta 2Pd 3,15-16.

As conclusões de Deissmann acabaram se mostrando, portanto, restritivas demais, até mesmo quando aplicadas aos escritos neotestamentários e, de modo particular, às cartas paulinas (cf. CONZELMANN, 1975, p. 6; STIREWALT, 1977, p. 147). É certo que os antigos e inúmeros exemplares de epístolas podem variar quanto à linguagem usada, finalidade, extensão e temas tratados, sem falar do caráter empático presente no texto. Porém, determinar a intenção do autor, se direcionada a um público amplo ou exclusivamente a destinatários específicos, não é fácil. Urge, todavia, a identificação de uma forma epistolar que distinga esses documentos de outros produtos literários, considerando o conjunto dos exemplares gregos e latinos conservados até hoje (cf. DOTY, 1969, p. 195; SYKUTRIS, 1931, p. 187). Doty propõe uma nova definição da carta, flexível e também mais abrangente, na qual a forma epistolar é assumida, independentemente se original ou formal, como um produto literário, que pode ser destinado ao âmbito privado ou público (cf. 1969, p. 193).

## 5 A estrutura da epístola paulina

As cartas paulinas são situadas no ambiente da epístola clássica greco-romana (cf. BERGER, 1987, p. 1330-1332). Contudo, o apóstolo não deixa de adaptar as técnicas normalmente usadas, combinando-as com aspectos de matriz judaico-helênica. Uma diferença considerável se nota na extensão das cartas: as paulinas são sempre maiores, se comparadas às cartas privadas gregas (cf. WHITE, 1972, p. 74; LONG, 2004, p. 100). Nos teóricos clássicos se vê a insistência por um texto conciso (cf. DEMETRIUS, *De Eloc.*, p. 228).

Do ponto de vista formal, em geral, as cartas paulinas seguem a estrutura básica da carta antiga, com introdução, corpo e conclusão (cf. WHITE, 1972, p. 74). Mais especificamente, encontram-se as seguintes partes: 1. Saudação inicial; 2. Agradecimento; 3. Corpo, com uma abertura formal, fórmulas de conexão e transição, conclusão com clímax escatológico e parusia apostólica; 4. Parênesis; 5. Elementos finais, saudações, doxologia e bênção (cf. WHITE, 1972, p. 71). A presença, ordem e extensão de cada um dos elementos elencados podem variar ou serem omitidas, a depender da situação dos destinatários e da intenção do Apóstolo. Num período no qual o cristianismo instituía a gramática e o vocabulário base da própria experiência, as cartas paulinas são caracterizadas pela densidade teológica, cujo conteúdo, somado a questões de caráter mais pessoal e comunitá-

rio, é distribuído no corpo literário, orientado também pelo emprego de técnicas retóricas (cf. ALETTI, 1996, p. 27-50; 2004, p. 67-103; CLASSEN, 1991, p. 1-32; 1992, p. 319-344; PITTA, 1998, p. 411-435;). Isso quer dizer que a estrutura formal da carta é recheada, do início ao fim, com conteúdo, expressões, figuras de linguagem e pensamento, imagens, que, na ausência do remetente (parusia apostólica), fossem capazes de instruir os destinatários, com uma argumentação muito bem elaborada e não aleatória.

### 5.1 O *Praescriptum*

O *praescriptum* paulino apresenta sempre três elementos: o remetente, o destinatário e a saudação. O remetente é seguido, quase sempre, de uma titulação, por exemplo: *doûlos Christoû Iêsoû, klêtós apóstolos aphōrismévōs eis euangélion Theoû* (servo de Cristo Jesus, chamado apóstolo, separado para o evangelho de Deus [Rm 1,1]). O título tem a função de legitimar a autoridade do remetente, no caso Paulo (e seus possíveis colaboradores), identificando-o(s) com o ministério apostólico e missionário, cuja fonte é sempre Deus (cf. WISCHMEYER, 2006, p. 123; SCHNIDER — STENGER, 1987, p. 10; ECKSTEIN, 2004, p. 207-209). Levando em consideração cada comunidade e as questões que delas emergiam, Paulo alterava, expandia ou encurtava os títulos, antecipando, de certa forma, a mensagem da carta, como se observa em 1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Gal 1,1; Fl 1,1; Fm 1,1 (cf. WHITE, 1984, p. 1740).

Os destinatários também são seguidos de títulos que determinam seu *status* como: amados (cf. Rm 1,7), santos (cf. 2Cor 1,1; Ef 1,1), santificados em Cristo (cf. 1Cor 12), santos e fiéis (cf. Col 1,2). As cartas paulinas são endereçadas a três grupos diferentes: 1. À igreja, *ekklēsia*, (cf. 1Ts 1,1; 2Ts 1,1; 1Cor 1,2; 2Cor 1,2; Gal 1,2); 2. A membros da igreja, denominados santos e responsáveis pela comunidade (cf. Fl 1,1; Col 1,2; Rm 1,7; Ef 1,1); 3. A indivíduos (cf. 1Tm 1,2; 2Tm 1,2; Tt 1,4; Fm 1,1) (cf. MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 49-53). A saudação inicial, no *praescriptum*, reproduz as convenções gregas e judaicas (cf. WHITE, 1983, p. 437; SCHNIDER — STENGER, 1987, p. 32; TAATZ, 1991, p. 67.112), com algumas modificações: o uso do substantivo *cháris* (graça) no lugar do verbo *cháirō* (alegrar-se; no *praescriptum* saudar) e o acoplamento de outro substantivo, *cháris hymîn kai eirēnē* (graça a vós e paz [cf. Rm 1,7; 1Cor 1,3; 2Cor 1,2; Gal 1,3; Ef 1,2; Fl 1,2; Col 1,2; Tt 1,4; Fm 1,3]). Duas exceções se encontram nas cartas 1Tm 1,2 e 2Tm 1,2, nas quais se encontra *cháris éleos eirēnē* (graça, misericórdia, paz), que corresponde à fórmula judaica: *éleos kai eirēnē* (misericórdia e paz) (cf. VIELHAUER, 2003, p. 80). A graça e a paz, desejadas, são apresentadas como dons de proveniência divina: *apò Theoû patròs ēmōn kai kyríou Iêsoû Christoû* (de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo) (cf. SCHNELLE, 2005, p. 56). A fórmula paulina da saudação, com seus acréscimos, evidencia, desse modo, uma orientação teológica. A finalidade do autor, como se nota

também em outras mudanças na estrutura epistolar, é relacionada, desse modo, com a teologia, a cristologia e a soteriologia (cf. Tt 1,4: *apò Theoû Patròs kai Christoû Iêsoû toû sôtéros hēmón* – de Deus Pai e de Cristo Jesus nosso salvador), que iluminam o contexto concreto de seus destinatários (cf. SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 28-30.32-33).

Um elemento característico das cartas paulinas é o proêmio, normalmente chamado de *ação de graças*. Note-se, contudo, que está ausente nas cartas aos Gal, 1Tm e Tt. Schubert realizou uma análise detalhada da forma e da função do proêmio nas cartas paulinas, mostrando pontos de contatos com as convenções antigas (cf. SCHUBERT, 1939). De posição contrária, Artz propõe uma série de questões, com a finalidade de mostrar falta de concordância entre as cartas paulinas e outras cartas antigas (cf. ARTZ, 1994, p. 29-46). Tais questões conduziriam à consequente conclusão de que o apóstolo desconhecia as categorias literárias da epístola helênica (e judaica). Contudo, outros exemplos, externos e internos ao NT, mostram uma aplicação não tão distante assim do convencional. Desse modo, parece ser mais plausível ressaltar a liberdade criativa de Paulo que adéqua categorias já conhecidas e fórmulas convencionais, usando-as com liberdade literária, de modo funcional, movido por interesses pastorais e teológicos (cf. REED, 1996, p. 87-99; MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 59; VIDAL, 1996, p. 35).

A presença do verbo *eucharistéō* (dar graças) é parte constitutiva e determinante. Por isso, Schubert denomina o proêmio como « *eucharistéō* period», destacando a proeminência do verbo, o qual determina todo o período, segundo dois modos: no primeiro, vê-se a oração principal com *eucharistéō* seguida de alguns participios e mais uma oração final, introduzida por *hína, hópōs, eis tò* (a fim de que, para que, de modo que [cf. Fm 1,4-6; Fl 1,3-11; Col 1,3-23, 1Ts 1,2-10; Ef 1,15-19]); no segundo tipo, após o verbo principal *eucharistéō* se encontra uma oração causal com *hóti* (que), dependente da principal e uma consecutiva subordinada à causal com *hóste* (de modo que [cf. 1Cor 1,4-9; Rm 1,8-17; 2Ts 1,3-12; 2,13-17]). (cf. SCHUBERT, 1939, p. 10-39[37].180; MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 58; SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 46). O início do proêmio é demarcado, portanto, pelo uso do verbo *eucharistéō* (ou de *eulogētós*), mas a mesma clareza não se dá na sua conclusão do mesmo, quando se passa para o corpo da carta. Schubert sublinha o fato de que algumas cartas, na conclusão do proêmio, apresentam um clímax escatológico (cf. 1Cor 1,8; Fl 1,10s; 2Ts 1,10). Outros dois indícios podem ajudar a localizar a conclusão do proêmio: o primeiro é a presença do vocativo *adelphoí*, (cf. Rm 1,13; 2Cor 1,10; Fl 1,12; 1Ts 2,1; 2,17; 2Ts 2,1.15); o segundo, o uso de fórmulas que manifestem o desejo de que os destinatários adquiram um determinado conhecimento (cf. Rm 1,13; 2Cor 1,8; Fl 1,12; 1Ts 2,1; 2Tm 1,6).

Há também exceções com o emprego do adjetivo *eulogētós*. O proêmio da 2Cor (Ef 1,3), chamado *eucológico*, por causa do adjetivo citado, tem

a mesma função daquele com o verbo *eucharistéō* (cf. SCHUBERT, 1939, p. 46; SCHNELLE, 2005, p. 57). A sua forma provavelmente reproduz a bênção judaica *baruk Yhwh* (cf. WHITE, 1984, p. 1742; VIELHAUER, 2003, p. 81; TAATZ, 1991, p. 32-33.112).

A ação de graças assume a forma de uma oração a Deus — a ele é gramaticalmente orientada (*eucharistéō tói Theó* [agradeço a Deus]) — pela comunidade ou indivíduos para os quais escreve. Mas, retoricamente, ela é endereçada diretamente aos destinatários, pois manifesta, desde o início da carta, o estado da relação desses com o autor e vice-versa (cf. SCHUBERT, 1939, p. 37; SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 47). A ausência na carta aos Gálatas, por exemplo, mostra o incômodo de Paulo com a situação dessa comunidade, ao ponto de não identificar, naquela ocasião, algo para agradecer (cf. SCHUBERT, 1939, p. 180; MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 60). A extensão dessa oração reflete a diversidade temática e a intimidade entre Paulo e as comunidades, por exemplo: Fm 1,3-11, 1Ts 1,2-10 (cf. SCHUBERT, 1939, p. 183; AUNE, 1987, p. 186; ECKSTEIN, 2004, p. 265). Por outro lado, no início, serve também como *captatio benevolentiae* (atrair a benevolência [cf. SCHUBERT, 1939, p. 180; MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 62; SCHNIDER — STENGER, 1987, p. 44]), atraindo a atenção e estimulando a receptividade do público. Comumente, antecipa temas que serão tratados no corpo da carta (cf. AUNE, 1987, p. 186; TAATZ, 1991, p. 107). Na 1Cor 1,4-9, o apóstolo agradece pelos dons espirituais presentes na comunidade, que serão tratados de modo mais acurado depois, especialmente nos capítulos 12–14 (cf. MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 62; WITHERINGTON, 1998, p. 106).

## 5.2 O corpo da carta

O corpo das cartas paulinas, em geral, apresenta três pontos principais de contato com as cartas gregas privadas: 1. A divisão em três partes; 2. O uso de fórmulas estereotipadas; 3. Contém as informações principais. Por outro lado, também, outros pontos distanciam-nas umas das outras, pois as paulinas apresentam ainda: 1. Além da divisão tríplice, o problema de uma ulterior subdivisão (cf. BERGER, 1987, p. 1331-1332; WHITE, 1972, p. 74ss) devido à sua extensão e variedade temática; 2. A presença de fórmulas de confiança, geralmente ao final, (cf. Rm 15,14; 2Cor 7,4.16; 9,1-2; Gal 5,10; 2Ts 3,4; Fm 1,21), sem paralelo nas cartas antigas (cf. WHITE, 1972, p. 104-105.162-163; AUNE, 1987, p. 188); 3. O anúncio (ao menos o desejo) de uma futura visita, coisa rara nos exemplos paralelos; o raro anúncio de uma futura visita nas cartas privadas retoma as motivações já discutidas ao longo do corpo e, estruturalmente, quando aparece, é um indicativo da conclusão do corpo (cf. BERGER, 1987, p. 1331; AUNE, 1987, p. 190; WHITE, 1972, p. 107-108; 1986, p. 219).

O uso de fórmulas estereotipadas aparece, principalmente, no que diz respeito à transição para o corpo e nas suas subdivisões. Seu início pode ser delimitado na individualização de algumas fórmulas, como: 1. Fórmulas de conhecimento que os destinatários poderiam adquirir (cf. Rm 1,13; 2Cor 1,8; Fl 1,12; 1Ts 2,1); 2. De requisição (cf. 1Cor 1,10); 3. Expressões de perplexidade (cf. Gal 1,6); 4. O clímax escatológico (cf. 1Cor 1,7-8; Fl 1,10; 1Ts 1,10; 2Ts 1,6-10); 5. Expressões de familiaridade, com vocativos (cf. Rm 1,13; 1Cor 1,10); 6. Expressões que mostram ter recebido informações (cf. Ef 1,15) (cf. FISCHER, 1997, p. 209-223; ROBERTS, 1986, p. 91-99; SANDERS, 1962, p. 348-362).

Se o *praescriptum* e a ação de graças podem antecipar temas da carta, o corpo é o grande recipiente no qual Paulo desenvolve a sua teologia, marcada pela ocasionalidade, ou seja, incitado pelo contexto concreto da comunidade (cf. WITHERINGTON, 1998, p. 106; BARBAGLIO, 1993, p. 230-232; ALETTI, 2012, p. 34), com uma atenta e intrincada argumentação (cf. ECKSTEIN, 2004, p. 267). Mas oferece também indicações práticas sobre o comportamento, com seções de valor ético, a parênese. As seções parenéticas estão presentes, normalmente, no final (cf. Rm 12,1-15,13; Gal 5,1-6,10, 1Ts 4,1-5,22; Col 3,1-4,6) e, às vezes, em meio ao corpo (cf. 1Cor 5) (AUNE, 1987, p. 191; BERGER, 1987, p. 1075ss). Algumas temáticas presentes nas seções parenéticas são: 1. Oração e pedido de intercessão (cf. Rm 15,30-32; 1Ts 5,17; Fl 4,6); 2. Tradição apostólica e tratamento daqueles que se desviam do reto ensinamento (cf. Rm 16,17-20; 2Ts 3,1-2)); 3. Função, cargo (cf. 1Cor 16, 15-18; 1Ts 5,12); 4. Intercessão por proteção divina (cf. Rm 15,13; Gal 6,16; 1Ts 5,23; Fl 4,17) (cf. SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 78-91; SCHNELLE, 2005, p. 58).

Não faltam elementos autobiográficos (cf. 1Ts 1,2-3,13; Gal 1,10-2,21) e outros que expressam a estreita relação do apóstolo com a comunidade, como o anúncio do desejo, ou da promessa, de fazer-se presente nas suas comunidades (cf. Rm 1,8-15; 15,14-29; 1Cor 4,14-21; 16,1-12; 2Cor 12,14-13,10; Gal 4,12-20; Fl 2,19-30; 1Ts 2,17-3,13; Fm 1,22 [Col 4,7-9; Ef 6,21-22]). A seção, definida *parusia apostólica* (*apostolic parousia*), foi muito estudada por R. Funk, que individua três modos nos quais se dá efetivamente essa presença (*parousía*): através da carta; de um mensageiro ou enviado; de sua presença pessoal (cf. FUNK, 1966, p. 249). A *parusia* é uma parte integrante das cartas paulinas, podendo, alguns de seus elementos, serem integrados em outras seções particulares, como na ação de graças (cf. Rm 1,8ss [cf. FUNK, 1966, p. 263-268]); na seção parenética (cf. Rm 15,14-29; 1Cor 16,1-12; 2Cor 12,14-13,10; Fl 2,19-30; Fm 1,22). Esse fato expressa e reforça a autoridade (cf. FUNK, 1966, p. 249) e a presença apostólica de Paulo, que se apresenta conforme o evangelho que ele testemunha e transmite, estimulando os leitores a aprofundar a vida de fé, numa prática concreta, semelhante à sua (cf. WHITE, 1983, p. 441; SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 91ss; SCHNELLE, 2005, p. 59).



### 5.3 O *Postscriptum*

O *postscriptum* das cartas paulinas segue algumas fórmulas características de saudação, bênçãos e autografia que, em geral, estão presentes em todas elas (cf. ECKSTEIN, 2004, p. 268; SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 108ss; SCHNELLE, 2005, p. 59). A saudação, distinta pela presença do imperativo do verbo *aspázomai*, se apresenta, antes de tudo, com um encargo aos destinatários de saudar a terceiros (Rm 16,3-16a, 1Cor 16,20b; 2Cor 13,12; Fl 4,12; Col 4,15-17; 1Ts 5,26-27; 2Tm 4,19-20; Tt 3,15b). Esse encargo acaba exercendo a função de amenizar a ausência (*apousía*) do remetente e reforçar a sua presença (*parousía*) epistolar (cf. SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 120-126; SCHNELLE, 2005, p. 59). A saudação não é direcionada a pessoas ou grupos específicos, mas aos membros da comunidade, denominados santos, irmãos. Exceções, todavia, se encontram em Rm 16,3-16a; Col 4,15-17; 2Tm 4,19-20. A longa lista de nomes presentes em Romanos, como aqueles em Colossenses, pode indicar que Paulo escreveu a comunidades nas quais ele não exerceu seu apostolado (cf. MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 106-107). Quatro cartas (cf. Rm 16,16; 1Cor 16,20; 2Cor 13,12; 1Ts 5,26) apresentam também o *ósculo santo* (*ev philémati hagíō*), que corresponde à saudação comum entre judeus e pagãos (cf. SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 122).

A segunda parte da saudação (cf. Rm 16,16b.21; 1Cor 16,19-20a; 2Cor 13,12b; Fl 4,21; Col 4,14; 2Tm 4,21b; Tt 3,15a; Fm 1,23-24) — ausente em Gálatas, 1 e 2 Tessalonicenses, Efésios, 1 Timóteo e invertida em 1Cor 16,19-20 — é uma ocasião para apresentar cumprimentos do autor e de seus colaboradores, como também de outras comunidades ou grupos. O comparecimento de outros nomes e comunidades mostra a relação entre a igreja para qual se escreve e outras que também vivem a mesma fé (cf. SCHNELLE, 2005, p. 59). Por fim, Paulo conclui com uma bênção: «A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja convosco» (cf. 1Ts 5,28 [1Cor 16,23-24; 2Cor 13,14; Gal 6,18; Ef 6,24; Fl 4,23; 2Ts 3,18; 2Tm 4,22; Tt 3,15; Fm 1,25]). A fórmula da bênção conclusiva encerra três elementos basilares: a graça, a origem divina da graça e a indicação de seu beneficiário (cf. AUNE, 1987, p. 186). Chama a atenção a fórmula reduzida, em Colossenses e 1 Timóteo, assim como a doxologia, em Romanos (cf. MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 100-102). Paulo substitui o verbo *rónnymí* (*érrōso* e *érrōsthe*), comum nas cartas antigas, com *cháris* (AUNE, 1987, p. 186). A presença de *cháris*, na conclusão, sugere um paralelo com a saudação no *praescriptum*, a qual se apresentava como uma bênção teológica. No *postscriptum* aparece, porém, uma bênção cristológica (cf. MURPHY-O'CONNOR, 1995, p. 100; WHITE, 1993, p. 151; SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 133).

Em cinco cartas o autor afirma que a saudação é escrita com a própria mão: *ho aspasmòs téi eméi cheirì Paúlou* (a saudação [escrevo] com minha mão, Paulo [cf. 1Cor 16,21; Col 4,18; 2Ts 3,17; Gal 6,11; Fm 1,19]) (cf. SCHNIDER; STENGER, 1987, p. 135-167). Tais afirmações, como também

Rm 16,22 (*aspázomai humâs egô Tértios ho gráphas tén epistolén en kyríoi*), onde se encontra, ainda, a saudação de Tércio, que diz ter escrito a carta, permitem imaginar que Paulo deve ter se servido da ajuda de um colaborador, um secretário, algo não estranho à antiguidade, como se vê com Cícero (cf. BAHR, 1966, p. 465-477; RICHARDS, 1991, p. 68-128.169-201; ECKSTEIN, 2004, p. 36-39.251-258).

## Conclusão

Ao estudar as origens e a estrutura da carta paulina, nota-se como Paulo de Tarso, enquanto autor, reconhece-se como devedor de uma longa tradição epistolográfica presente no mundo greco-romano e no mundo judaico. De fato, Paulo utilizou-se dos elementos constitutivos da epistolografia clássica e judaica (*praescriptum*, corpo, *postscriptum*) para difundir o Evangelho e confirmar seu trabalho missionário em suas comunidades. Contudo, Paulo não se limitou apenas a usufruir das referidas tradições literárias, sua genialidade permitiu-lhe propor variantes estilísticas (proêmio), adaptar fórmulas e expressões já estereotipadas (saudação enriquecida pelos elementos graça e paz).

Deve-se sublinhar que a ampla obra epistolográfica paulina o superou, no sentido que sua ação literária gerou também uma tradição cujos ecos deram origem às cartas deutero e tritopaulinas. Note-se que Paulo não é somente um espírito livre que joga com convenções, ele é um escritor cômico de sua missão e, mais do que tudo, é movido por ela. Por isso, as mudanças significativas propostas por Paulo, na estrutura epistolográfica tradicional, são expressões do seu esforço de traduzir o conteúdo do Evangelho de forma compreensível aos destinatários.

Há de se destacar ainda a combinação que o Apóstolo promove entre doutrina e parênese no corpo da carta. O conteúdo teológico-catequético aprofunda aspectos do Evangelho ainda não compreendidos suficientemente que dizem respeito à ação salvífica de Deus em Jesus Cristo, o Senhor. A necessidade do aprofundamento surge a partir de várias motivações como por exemplo: responder a questões propostas pela comunidade (cf.1Ts); confirmar a adesão ao Evangelho verdadeiro (cf. Gal; 2Cor); sublinhar a dimensão cristocêntrica e o dinamismo pneumatológico da eclesía (cf.1Cor); auto-apresentação do Apóstolo e ampliação do horizonte missionário (cf. Rm). Quanto à parênese, exortação, deve-se sublinhar que esta nasce da convicção paulina de que a vida cristã é um caminho a ser percorrido num processo de crescimento e amadurecimento permanente. O que, segundo Paulo, nada mais é do que uma vida coerente com o Evangelho, ao qual havia-se aderido pela fé.

## Referências

- ALETTI, J.-N. Paul et la rhétorique: état de la question e propositions de méthode. In: SCHLOSSER, J. (Ed.). *Paul de Tarse*. Paris: LeDiv 165, 1996. p. 27-50.
- \_\_\_\_\_. La rhétorique paulinienne: construction et communication d'une pensée. In: DETTWILER, A.; KAESTLI, J.-D.; MARGUERAT, D. (Eds.) *Paul: une théologie en construction*. Fribourg; Paris; Montréal: MBib 51, 2004. p. 67-103.
- \_\_\_\_\_. *New Approaches for Interpreting the Letters of Saint Paul: collected essays: rhetoric, soteriology, christology and ecclesiology*. Roma: GBP, 2012. (SubBi 43).
- ARZT, Peter. The "Epistolary Introductory Thanksgiving" in the Papyri and in Paul. *Novum Testamentum*, Leiden, v. 36, Fasc. 1, p. 29-46, Jan. 1994.
- AUNE, David E. *New Testament in its literary environment*. Philadelphia: Westminster Press, 1987.
- BAHR, Gordon. Paul and letter writing in the first century. *Catholic Biblical Quarterly*, Washington, v. 28, p. 465-477, 1966.
- BARBAGLIO, G., *São Paulo: o homem do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Il pensare dell'apostolo Paolo*. Bologna: EDB, 2004.
- BECKER, J. *Pablo, el apóstol de los paganos*. Salamanca: Sígueme, 2007.
- BERGER, K. Hellenistische Gattungen im Neuen Testament. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, Berlin; New York, v. II, 25.2, p. 1031-1432, 1987.
- BOTHA, P. J. J. Greco-Roman literacy as setting for New Testament writings. *Neotestamentica*, Pretoria, Republic of South Africa, v. 26, p. 195-215, 1992.
- CICERO, *Epistole ad Attico*. Torino: UTET, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Epistulae ad Familiares*. Torino: UTET, 2008.
- CLASSEN, C. J. Paulus und die antike Rhetorik, *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*. Berlin, v. 82, p. 1-32, 1991.
- \_\_\_\_\_. St Paul's Epistles and Ancient Greek and Roman Rhetoric. *Rhetorica*, California, v. 10, n. 4, p. 319-344, 1992.
- CONZELMANN, H., *1 Corinthians: a commentary on the first letter to the Corinthians*. Philadelphia: Hermeneia, 1975.
- DEISSMANN, Adolf. *Bible Studies: contributions, chiefly from papyri and inscriptions to the history of the language, the literature, and the religion of Hellenistic Judaism and primitive Christianity*. Edinburgh, 1901.
- \_\_\_\_\_. *Licht vom Osten: Das Neue Testament und die neuentdeckten Texte der hellenistisch-römischen Welt*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1909, 1923<sup>4</sup>.
- DEMETRIUS. *De elocutiones*. Cambridge; London: LCL 199, 1932.
- DION, P. E. The Aramaic "Family Letter" and Related Epistolary Forms in other Oriental Languages and in Hellenistic Greek. *Semeia*, v. 22, p. 59-76, 1982.
- \_\_\_\_\_. Aramaic words for "Letter". *Semeia*, v. 22, p. 77-88, 1982.

- DOTY, G.W. The Classification of Epistolary Literature. *CBQ*, v. 31, p. 183-199, 1969.
- ECKSTEIN, P. *Gemeinde, Brief und Heilbotschaft. Ein phänomenologischer Vereich zwischen Paulus und Epikur*. Freiburg; Basel; Wien: HBS 42, 2004.
- EXLER, X. J. *The Form of the Ancient Greek Letter of the Epistolary Papyri (3<sup>rd</sup> c. B.C. – 3<sup>rd</sup> c. A.D.): A Study in Greek Epistolography*. Chicago: Ares, 1923, 1974<sup>2</sup>.
- FABRIS, R.; ROMANELLO, S. *Introduzione alla lettura di Paolo*. Roma: Borla, 2006.
- FISCHER, A. J. Pauline Literary Forms and Thought Patterns. *CBQ*, v. 39, p. 209-223, 1997.
- FITZMYER, J.A. Some Notes on Aramaic Epistolography, *JBL*, v. 93, p. 201-225, 1974.
- \_\_\_\_\_. Aramaic Epistolography. *Semeia*, v. 22, p. 25-57, 1981.
- FUNK, R. The Apostolic Parousia: form and significance. In: FARMER, W. R.; MOULE, C. F. D.; NEIBUHR, R.R. (Ed.). *Christian History and Interpretation*. New York: Fs. John Knox, 1966.
- GAMBLE, H. Y. *Books and Readers in the Early Church: a history of early Christian texts*. New Haven; London: Yale University Press, 1995.
- GNILKA, J. *Paulus von Tarsus: apostel und zeuge*. Freiburg; Basel; Wien: Herder, 1997, 2004<sup>2</sup>.
- HOLLAND, G. Paul's Use of Irony as a Rhetorical Technique. In: PORTER, S. E; OLBRICHT, T. H. (Eds.). *The Rhetorical Analysis of Scripture*. Sheffield, p. 234-248, 1997.
- HOLLOWAY, P. A. The Enthymeme as an Element of Style in Paul. *JBL*, v. 120.2, p. 329-343, 2001.
- KENNEDY, G.A. *A New History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. *New Testament Interpretation through Rhetorical Criticism*. Chapel Hill; London: The University of North Carolina Press, 1984.
- KLAUCK, H.-J. *Die Antike Briefliteratur und das Neue Testament. Ein Lehr und Arbeitsbuch*, Paderborn; München; Wien; Zürich: UTB 2022, 1998.
- KOSKENNIEMI, H. *Studien zur Idee und Phraseologie des griechischen Briefes bis 400 n. Chr.* Helsinki, 1956.
- KÜMMEL, W. G. *La teologia del Nuovo Testamento: Gesù, Paolo, Giovanni*. Brescia: Paideia, 1976.
- LONG, F. J. *Ancient Rhetoric and Paul's Apology: the compositional unity of 2 Corinthians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MEEKS, W.A. *Los primeros cristianos urbanos: el mundo social del apóstol Pablo*. Salamanca: Sígueme, 1988.
- MURPHY-O'CONNOR, J. *Paul the Letter-Writer: His World, His Options, His Skills*. Collegeville: Liturgical Press, 1995.
- NORDEN, E. *Die Antike Kunstprosa. Vom VI Jahrhundert V. chr. bis in die Zeit der Renaissance*. v. I-II, 1909, 1958<sup>5</sup>.

- PARDEE, D. An Overview of Ancient Hebrew Epistolography, *JBL*, v. 97, p. 321-346, 1978.
- PETERSON, B. *Eloquence and the Proclamation of the Gospel in Corinth*. Atlanta: Scholars, 1998.
- PITTA, A. *Disposizione e messaggio della lettera ai Galati: Analisi retorico-letteraria*. Roma: AnBib 131, 1992.
- \_\_\_\_\_. Così "inesperto nell'arte retorica"? (cf. 2Cor 11,6). Retorica e messaggio paolino. In: FABRIS, Rinaldo (Ed.). *La parola di Dio cresceva (At. 12,24)*. Bologna: RivBS 33, 1998, p. 411-435.
- REED, J. T. Are Paul's Thanksgivings "Epistolary"? *JSNT*, v. 61, p. 87-99, 1996.
- RICHARDS, E. R. *The Secretary in the Letters of Paul*. Tübingen, WUNT 2.42, 1991.
- ROBERTS, J. H. Pauline Transitions to the Letter Body. In: VANHOYE, A. (Ed.). *L'apôtre Paul: personnalité, style et conception du ministère*. Leuven: Leuven University Press; Peeters, 1986, p. 93-99.
- SANDERS, J. T. The Transition from Opening Epistolary Thanksgiving to Body in the Pauline Corpus. *JBL*, v. 81, p. 348-362, 1962.
- SCHNELLE, U. *Einleitung in das Neue Testament*. Göttingen: UTB1830, 1994, 2005<sup>2</sup>.
- SCHNIDER, F.; STENGER, W. *Studien zum neutestamentlichen Briefformular*. Leiden; New York; København: Köln: NTT 11, 1987.
- SCHUBERT, P. *Form and Function of the Pauline Thanksgivings*. Berlin: Topelmann, 1939.
- SEGALLA, G. *Panoramas del Nuevo Testamento*. Navarra: Estella, 1989.1994<sup>2</sup>.
- SENECA. *Lettres a Lucilius*. Paris: CUF, 1959.1957.
- STIREWALT, M. L.. The Form and Function of the Greek Letter-Essay. In: *The Romans Debate*. Edited by K. P. Donfried. Minneapolis: Augsburg, 1977, p. 170-206.
- STOWERS, S. K. *Letter Writing in Greco-Roman Antiquity*. Philadelphia, 1986.
- SYKUTRIS, J. Epistolographie. *PRESupp*, V, p. 185-220, 1931.
- TAATZ, I. *Frühjüdische Briefe: Die paulinesche Briefe im Rahmen der offiziellen religiösen Briefe des Frühjudentums*. Freiburg; Göttingen: NTOA 16, 1991.
- VIDAL, S. *Las cartas originales de Pablo*. Madrid, 1996.
- VIELHAUER, P. *Historia de la literatura cristiana primitiva*. Salamanca: BEsB 72, 1991, 2003<sup>2</sup>.
- WEICHERT, Valentinus. *DEMETRII ET LIBANII: qui feruntur typoi epistolikoi et epistolimaioi carakthres*. California: B. G. Teubneri, 1910.
- WHITE, J. L. Introductory Formulae in the Body of the Pauline Letter. *JBL*, v. 90, p. 91-97, 1971.
- \_\_\_\_\_. *The Form and Function of the Official Petition: a study in Greek epistolography*. SBLDS Missoula, n. 5, 1972.

\_\_\_\_\_. The Greek Documentary Letter Tradition Third Century B.C.E. to third Century C.E. *Semeia*, v. 22, p. 89-106, 1982.

\_\_\_\_\_. Saint Paul and the Apostolic Letter Tradition. *CBQ*, v. 45, p. 433-444, 1983.

\_\_\_\_\_. New Testament Epistolary Literature in the Framework of Ancient Epistolary, *ANRW* II.25.2, p. 1730-1756, 1984.

\_\_\_\_\_. *Light from Ancient Letters*. Philadelphia, 1986.

\_\_\_\_\_. Apostolic Mission and Apostolic Message. Congruence in Paul's epistolary Rhetoric, Structure and Imagery. In: *Origins and the Method: Toward a New Understanding of Judaism and Christianity. Essays in Honour of John C. Hurd*. Edited by Bradley H. McLEAN. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993. p. 145-162.

WISCHMEYER, O. Briefe, Theologische Themen. Einführung. In: \_\_\_\_\_. *Paulus. Leben, Umwelt, Werk, Briefe*. Tübingen; Basel: UTB 2767, p. 123-125, 2006.

WITHERINGTON, B. *The Paul Quest: the Renewed Search for the Jew of Tarsus*. Downers Grove; Leicester: IVP, 1998.

**Boris Agustín Nef Ulloa** é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma-IT. Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção — SP. Publicações mais recentes: NEF ULLOA, B. A. GRACIANI, R. R. Antecedentes veterotestamentários da Eucaristia. Aspectos culturais e religiosos. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 49, p. 109-130, 2015. \_\_\_\_\_. O Mistério Pascal de Cristo. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, Recife, v. 4, p. 385-412, 2014.

**Endereço:** Av. Nazaré, 993, Ipiranga  
04263-100 São Paulo — SP  
baulloa@pucsp.br

**Jean Richard Lopes** é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma-IT. Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma-IT. Mestre em Teologia Fundamental pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma-IT. Publicação mais recente: tradução das Primeira e Segunda Cartas de Pedro, na nova edição do Novo Testamento das Paulinas (2015).

**Endereço:** Xavier da Veiga, 383, Apto 202  
Minas Brasil  
30730-220 Belo Horizonte — MG  
jeanrichl@hotmail.com